



A cultura escolar do Instituto Ponte Nova

The scholar culture of Ponte Nova Institute

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento
Universidade Tiradentes

Resumo

Este trabalho tem como objeto de estudo o Instituto Ponte Nova, instituição educacional organizada na cidade baiana de Wagner, em 29 de janeiro de 1906, por missionários presbiterianos norte-americanos, do mesmo grupo que fundou o Mackenzie College, em São Paulo. Ministrava ensino religioso presbiteriano, de caráter obrigatório, sendo um estabelecimento de natureza privada e confessional. Destinado a educar os filhos das famílias que seriam evangelizadas, era mantido pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América do Norte (PCUSA), não recebendo nenhuma subvenção do governo brasileiro. Investigar a história do Instituto Ponte Nova na perspectiva da nova história cultural permite compreendê-la com uma instituição formadora de agentes disseminadores do seu projeto pedagógico, através da organização do tempo e do espaço, dos saberes a ensinar, e das condutas a inculcar.

Palavras-chave: Instituto Ponte Nova. Cultura escolar. Educação protestante.

Abstract

This work has its study object on the Instituto Ponte Nova, an educational institution organized in Wagner, a State of Bahia's town, in January 29, 1906 by some North American Presbyterian missionaries, from the same group that founded the Mackenzie College, in São Paulo. The institute taught a religious, Presbyterian, mandatory teaching, acting as a private and confessional institution. Its goal was to teach the children of the families that would be evangelized. It was sustained by the Presbyterian Church of the United States of America (PCUSA) and didn't receive any subvention from the Brazilian government. Investigating the history of the Instituto Ponte Nova under the new cultural history perspective allows us to understand that it was an institution that graduated the agents who were supposed to spread its pedagogical project, through the organization of the time and space, of the knowledge to teach and of the behavior that should be internalized.

Keywords: Ponte Nova Institute. Scholar culture. Protestant education.

A produção em História da Educação no Brasil a partir da década de 1980 tem acompanhado o movimento internacional ancorado na História Cultural, contribuindo para o alargamento do campo com a implementação de uma multiplicidade temática, a adoção de novos objetos e a incorporação de fontes diversificadas de pesquisa, produzindo também sínteses analíticas e tendenciais, como atesta Araújo (2006). Grande parte dessa produção historiográfica brasileira privilegiava estudos de dimensão nacional, geralmente sem realizar recortes para identificar os estudos que englobem universos educacionais e escolares regionais. Porém, com o avanço da produção em vários Estados brasileiros, evidencia-se a necessidade de analisá-la a partir de suas singularidades para melhor compreender a interpretação e usos da história nas escritas recentes da História da Educação.

A categoria cultura escolar há aproximadamente dez anos vem subsidiando as análises historiográficas, procurando compreender a escola não como o veículo da ideologia dominante, um local de reprodução das relações sociais determinadas pelos sistemas econômicos, político e social. Inspirado no trabalho de André Chervel sobre a história das disciplinas escolares, Dominique Julia (2001, p. 10) elaborou o conceito de cultura escolar como “[...] um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).”

O Instituto Ponte Nova foi uma instituição rural de ensino secundário, fundada em 1906, na cidade baiana de Wagner, por William Alfred Waddell, missionário presbiteriano norte-americano. Criado em conformidade com os moldes educacionais presbiterianos norte-americanos, o Instituto Ponte Nova teve papel fundamental na formulação da política de ação daquela organização missionária. Uma política de ação que tinha como objetivo formar professoras para suas escolas e homens que seriam evangelistas e futuros pastores de suas igrejas. Desde 1871, missionários presbiterianos, vinculados à Missão Central do Brasil, órgão de evangelização subordinado à Junta de Nova Iorque, da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos, atuavam no Nordeste brasileiro, tendo como *locus* a Bahia. E a preocupação com a educação estava presente no interior da produção discursiva daquela organização religiosa. (NASCIMENTO, 2005).



A escola oferecia o curso complementar de formação de professora, não recebendo, portanto, a denominação de Escola Americana, como ocorria com as outras instituições primárias da Missão. Inicialmente, foi denominada de Colégio e, posteriormente de Instituto. Além disso, seu nome reportava-se ao nome da própria fazenda que, posteriormente, fora transformada em estação missionária e *locus* da atuação missionária presbiteriana norte-americana no Nordeste.

Inspirado em algumas iniciativas de outros missionários norte-americanos, William Alfred Waddell propôs à Junta de Missões da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos a criação de uma instituição educacional rural, mais compatível à realidade do *hinterland* brasileiro e às necessidades da Missão Central do Brasil. Ela funcionaria como uma escola de treinamento para crianças do Brasil tropical. As meninas seriam preparadas para serem professoras das escolas da Missão nas cidades e fazendas; já os melhores alunos seriam futuros dirigentes religiosos.

Em 1871, George Nash Morton e Edward Lane, pastores da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos, organizaram em Campinas o Colégio Internacional de preparatórios, “[...] segundo os princípios da liberdade de consciência e de culto e da metodologia norte-americana.”, a pedido de Rangel Pestana. Dentre as disciplinas oferecidas constavam “[...] química analítica, industrial e agrícola, [...]”. Dessa forma, “[...] as classes agrícolas e comerciais encontrariam oportunidades de aprender a substituir a rotina, a força numérica, e a agiotagem, pelo arado, pelo cultivador, pela economia e a honradez.” (HILSDORF, 1986, p. 191-192). Em face a epidemia de febre amarela que se alastrara em Campinas, no final de 1892, o colégio foi transferido para Lavras, interior de Minas Gerais, abrindo suas portas no dia 1º de fevereiro do ano seguinte, sob a direção do missionário presbiteriano norte-americano Samuel Rhea Gammon, vinculado à Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos.

Logo após sua chegada ao Brasil, em 1890, o engenheiro civil William Alfred Waddell conheceu o reverendo Samuel Rhea Gammon, que, além de educador era evangelista e, algumas vezes, fez viagens exploratórias no interior de Minas Gerais, procurando locais estratégicos para fundar novos pontos evangelísticos. Numa dessas missões, em 1893, foi acompanhado por William Alfred Waddell, viajando a cavalo e pela Estrada de Ferro Oeste de Minas. Aquelas excursões provavelmente produziram impres-

sões positivas em William Alfred Waddell, na possibilidade de organizar outros pontos de trabalho no *hinterland* brasileiro.

Num cenário de disputas religiosas, políticas e econômicas, a Missão Central do Brasil procurou se estabelecer no sertão baiano, apresentando-se como uma agência civilizadora, com hábitos, costumes e comportamentos que deveriam ser adotados por parte da população do Brasil tropical, forjando novos homens e mulheres. Para os missionários, era necessário fazer crer no poder da educação, fazendo-a funcionar como requisito necessário à construção de um novo campo religioso. No caso do *hinterland* baiano, é possível reconhecer três dispositivos utilizados pelos missionários no sentido de construir seu campo religioso de ação: o Instituto Ponte Nova, instituição de formação educacional; o Grace Memorial Hospital, lugar do restabelecimento da saúde; e a Igreja Presbiteriana, local de regeneração da alma. Para eles, a escola, o hospital e a igreja promoveriam a identificação e regeneração dos males sociais e espirituais que afligiam a população local.

Apesar dos documentos confessionais não explicitarem a decisão da Missão em se estabelecer no interior do Brasil a partir da Bahia, e construírem uma imagem negativa sobre o *hinterland* brasileiro, os indícios apontam que seus missionários tentaram inicialmente residirem nas cidades mais desenvolvidas economicamente da época na região. O que teria acontecido em Salvador, que não permitira o estabelecimento de uma instituição secundária na capital baiana? Desde 1894, fora fundada uma escola paroquial, mas somente em 1931 iniciou o curso ginasial reconhecido pelo governo baiano que, oito anos depois, foi denominado Instituto 2 de Julho.

Após a decisão de se retirar de São Félix, inicialmente, William Alfred Waddell tentou se criar em Feira de Santana, uma comunidade promissora considerada o centro de irradiação da "civilização do gado", pois no período de 1896 a 1899, a Missão sustentara na cidade uma Escola Americana com um internato feminino, sob a direção de George Whitehill Chamberlain e Mary Ann Annesley Chamberlain. Entretanto, as lideranças religiosas e políticas locais recusaram seu projeto, por não considerarem o protestantismo uma religião cristã. Ele, então, avançou mais para o sertão, seguindo para Itaberaba, onde também foi rejeitado por lideranças políticas e católicas. Foi para Lençóis, conhecida na época como a cidade dos diamantes, cuja fama repercutia em Londres, Paris e Amsterdã. Como a recusa se repetiu, ele seguiu para a cidade de Morro do Chapéu.



Na procura por uma área para instalar-se, William Alfred Waddell observou uma fazenda cortada pelo rio Utinga, a fazenda Ponte Nova, distante 60 quilômetros de Lençóis, no município de Wagner. O nome da cidade homenageia o engenheiro alemão Franz Wagner pelos serviços prestados à população durante a seca que assolou o Nordeste no final da década de 1880.

Em 1905, estabeleceu-se naquela área e, em 1906, a Missão Central do Brasil, comprando uma fazenda de propriedade de Luiz Guimarães e Souza, tenente-coronel da Guarda Nacional. O projeto inicial de organizar uma escola-fazenda foi redimensionado, transformando-se num projeto de estação missionária, base para outras experiências que englobaria, não somente sua ação na religião e na educação, mas também na saúde. As atas possibilitam inferir que a região geográfica da Chapada Diamantina era propícia aos planos da Missão Central do Brasil, por algumas razões. Além de está no centro de uma região que ainda não estava ocupada pelo protestantismo, era de ótima salubridade e fértil que, apesar das secas que lá se abatiam, possibilitava obter uma boa produtividade através do uso de técnicas agrícolas.

Espaço e tempo escolares no Instituto Ponte Nova

Sob a direção de William Alfred Waddell, o Instituto Ponte Nova, principal escola da Missão Central do Brasil, foi oficialmente fundado em 29 de janeiro de 1906, mas só iniciou suas aulas no dia 12 de agosto, oferecendo o curso primário e um curso complementar, formador de professores. As moças que estudavam nas escolas primárias da Missão localizadas em outras cidades, foram transferidas para a nova escola. Para os rapazes, foi oferecido um curso bíblico com a finalidade de formar evangelistas para sua área de atuação.

O Instituto Ponte Nova não era apenas um local de aprendizagem de saberes, mas também produtor de comportamentos e hábitos. A construção do espaço escolar é compreendido sob a perspectiva do conceito de arquitetura escolar de Escolano o qual a define como um

[...] 'programa' que fala aos indivíduos, lhes dizendo como agir, instituindo em sua 'materialidade um sistema de valores, como os



de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. Ao mesmo tempo, o espaço educativo refletiu obviamente as inovações pedagógicas, tanto em suas concepções gerais como nos aspectos técnicos'. (VIÑAO; ESCOLANO, 1998, p. 26).

Durante quase 40 anos a Missão Central do Brasil investiu na construção de edifícios para a escola, a igreja e o hospital. A primeira construção realizada por William Alfred Waddell provavelmente no ano de 1907, foi a Igreja Presbiteriana. O terreno escolhido para construir a igreja e o hospital ficava na margem esquerda do rio Utinga, numa área alta e salubre da fazenda.

A análise da distribuição espacial dos prédios escolares, separados da cidade pelo rio Utinga, possibilita apreender o modelo de educação escolar proposto pelos missionários presbiterianos. Até 1938, a Missão investira na construção de um complexo educacional – seis edifícios e uma praça de esportes. Atravessando a ponte, inicialmente avista-se à direita, o sobrado da fazenda, que funcionou nos primeiros anos como salas de aula, no térreo, e, no andar superior, de moradia para os missionários e internato feminino.

O espaço escolar explicita o objetivo de projeção e divulgação que a Missão pretendia imprimir àquela educação, pois, além de ser um constructo cultural que expressava e refletia determinados discursos, era “[...] um mediador cultural em relação à gênese e formação dos primeiros esquemas cognitivos e motores, ou seja, um elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem.” (VIÑAO; ESCOLANO, 1998, p. 26). Os corredores, as salas de aula, as áreas de ginástica, as bandeiras, fotografias de autoridades, dos diretores da instituição, a biblioteca, apontavam valores e exemplos a serem seguidos.

Durante a década de 1930, foram construídos três edifícios de salas de aula dispostos em formato de ferradura com uma área coberta no centro, a qual funcionava como local de recreação e apresentações dos alunos. No centro estavam a secretaria e a diretoria com vistas para o pátio, possibilitando o controle das ações dos alunos por parte da direção. Interligando os pavilhões, estavam mais duas salas, numa das quais fora instalada a Biblioteca Luiz Guimarães.



O internato masculino, construído, provavelmente, no final da década de 1920, foi derrubado durante os anos de 1970, para ser erguido o Colégio Estadual Agrícola Afrânio Peixoto. O pavilhão Waddell, como foi assim denominado, possuía 13 quartos com capacidade para 40 internos. Os quartos eram bem arejados, com luz natural e, pelo menos, com uma janela, protegida por tela de arame. A distância entre os beliches era de um metro, com colchões de palha. Cada quarto possuía armários. Na parte posterior do prédio encontravam-se os banheiros.

No ponto mais alto da fazenda foi construído em meados da década de 1930, um sobrado em estilo vitoriano, destinado à residência das alunas internas e das professoras do estabelecimento, edificado numa área de 4.225 m², toda murada e gradeada. Daquela altura, podia-se controlar o movimento das alunas no espaço escolar. O piso térreo do Pavilhão Bixler, como ficou denominado o internato feminino, possuía três varandas protegendo as três amplas portas de entrada. O refeitório do Instituto Ponte Nova funcionava na sala principal. Era composto de sete mesas com 78 cadeiras de espaldar. Na parte anterior do edifício, funcionava o gabinete da diretora do internato, duas salas de música, uma sala com estante de livros para as alunas; um corredor; uma cozinha para refeições ligeiras, para as professoras; três dormitórios para as professoras, e quatro sanitários com chuveiros; uma sala de visitas; uma sala de costura; um salão nobre destinado para as festas cívicas e outras solenidades.

O controle do tempo através de atividades era constante, possuindo uma função reguladora de atitudes e modeladora do comportamento. A rotina diária era fixada pela jornada escolar. O processo de escolarização visava inculcar no indivíduo a auto-disciplina, uma "consciência moral", modificando a estrutura de sua personalidade.

Desde o início do seu funcionamento, o Instituto Ponte Nova controlou o cotidiano escolar dos jovens alunos. Seus movimentos e ações estavam distribuídos em espaços e tempos regulados e reguladores. Todos deveriam estar sempre ocupados, envolvidos em atividades produtivas. Quanto ao tempo escolar, professores e alunos necessitavam apreender um ritmo próprio do colégio. Os quadros de horário, os relógios e as campas foram incorporados ao cotidiano do aluno. Um conjunto de símbolos, normas, rituais e doutrinas foi mobilizado para produzir um determinado indivíduo.

As prescrições do Instituto Ponte Nova

Desde a sua fundação, o Instituto Ponte Nova adotou alguns princípios que nortearam toda a organização dos seus cursos, tornando-se pilares sobre os quais estava assentada a base da educação difundida pelos missionários presbiterianos da Junta de Nova Iorque. Os sinais tangíveis da cultura presbiteriana estavam presentes na educação oferecida pelo Instituto Ponte Nova, alicerçada nos princípios da moral cristã, exemplificados por Cristo e inscritos na Bíblia. Era necessário apresentar “[...] um estilo de vida moral cujos principais signos ‘cristãos’ tangíveis eram a leitura da Bíblia, a abstenção do álcool e do fumo, o respeito ao descanso dominical, a proibição dos jogos de azar e a defesa da monogamia.” (BASTIAN, 1994, p. 107).

Compreendiam que o homem, além de possuir corpo e mente, tinha uma alma e todo esforço deveria ser feito para que, num ambiente cristão, o aluno pudesse desenvolver o seu caráter que, para eles, era a saúde da alma. O estabelecimento era dirigido por missionários que entendiam que um caráter e uma moral puros eram frutos do ensino cristão. E esses eram a base de toda a instrução e, para tanto, o estudo bíblico fazia parte dos “trabalhos regulares da aula”. Apesar de não obrigarem nenhum aluno a adotar suas convicções religiosas, seus dirigentes consideravam que o conhecimento dos princípios fundamentais da fé cristã era indispensável à formação do homem culto. (INSTITUTO PONTE NOVA, 1934).

Dentre as rupturas e continuidades ocorridas na instituição em sua organização curricular e espacial e, nas mudanças de direção e do seu corpo docente, foi possível perceber que algumas características permaneceram razoavelmente inalteradas: o ensino religioso, a educação voltada para o trabalho, a música e a leitura como disciplinas auxiliares nos ensinamentos bíblicos e, os internatos, funcionando como espaços de isolamento e de total controle e intervenção no comportamento dos alunos.

Dentro do currículo formal do colégio, a educação religiosa e a moral basicamente se fundiam. O ensino religioso era obrigatório e todos os alunos matriculados tinham obrigações com a igreja local, participando do coral, da reunião de mocidade, da Escola Dominical e do culto à noite. Durante a semana, eram realizados alguns cultos rápidos em vários momentos do dia: após o café da manhã, do jantar, no início das aulas, após o recreio. Todas as apresentações especiais, que não fossem cívicas, eram



baseadas em histórias bíblicas. A disciplina Bíblia estava presente durante todo o curso: a professora lia um trecho da Bíblia e explicava. Outra atividade realizada era a leitura de livros evangélicos e discussão sobre o assunto. O catecismo estava presente durante as séries do curso primário, no qual, os alunos aprendiam através de perguntas e respostas curtas, as principais doutrinas norteadoras do presbiterianismo.

O Instituto Ponte Nova seguia uma determinação da Junta de Nova Iorque, pois todos os seus colégios na América Latina deveriam seguir os cinco objetivos estabelecidos em ordem de importância. A primeira meta, evangelística, deixava claro a intenção de difusão do presbiterianismo, levando “[...] o maior número possível de alunos a um conhecimento direto e pessoal de Jesus Cristo como seu Salvador, e ajudá-los a viver uma vida inteiramente consagrada ao Mestre” além de procurar “[...] semear a semente do Evangelho de modo que uma conversão pessoal a Jesus Cristo esteja sempre presente na mente do aluno como o ponto mais alto do seu desenvolvimento espiritual, tanto agora como em anos vindouros.” (INSTITUTO PONTE NOVA, 1927, p. 1).

A meta de catequização tinha como objetivo preparar melhor os membros da igreja, complementando e enriquecendo “[...] o programa de instrução dada nas igrejas a filhos de famílias evangélicas, e a neo-convertidos, tanto no seu aspecto doutrinário como no aspecto moral e espiritual.” (INSTITUTO PONTE NOVA, 1927, p. 3).

Ensinar a todos os alunos o sentido da vocação divina em todos os aspectos de sua vida, e, sobretudo, na escolha de sua carreira; despertar e estimular os alunos evangélicos para dedicar suas vidas a trabalhos de tempo integral nos campos e instituições evangélicas, tais como o pastorado, magistério em colégios cristãos, na medicina e na enfermagem era a meta vocacional a ser alcançada.

A orientação moral determinada era inculcar nos alunos independente da crença que professassem, os princípios da moral cristã e relacioná-los com sua vida diária, “[...] com o pleno conhecimento de que esses princípios criarão raízes profundas somente na vida dos verdadeiros crentes”, mas os “[...] não-crentes podem e devem praticar certos aspectos da moral cristã para o seu próprio bem espiritual e para o da sociedade.” (INSTITUTO PONTE NOVA, 1927, p. 4).

E, por último, era necessário “[...] proporcionar a todos os educandos uma cultura bíblica e evangélica [...]” que abrangesse os seguintes temas: noções de história do povo hebreu; origem e conteúdo geral das Sagradas Escrituras; a importância da Igreja e suas doutrinas na evolução do mundo ocidental; a influência do cristianismo sobre as instituições políticas e sociais; a música e a arte cristãs; a Bíblia e a literatura medieval e moderna. Para os presbiterianos, essas metas eram a “[...] solução cristã dos grandes problemas sociais.” (INSTITUTO PONTE NOVA, 1927, p. 5).

Para atingir esse objetivo, o Instituto Ponte Nova oferecia o ensino da doutrina cristã baseado na leitura diária da Bíblia, procurando inculcar aos alunos os princípios do Cristianismo, para que fossem colocados em prática no dia-a-dia. A leitura e o estudo da Bíblia, o canto de hinos e orações, bem como a assistência de todos os alunos aos atos religiosos da igreja presbiteriana local, faziam parte do currículo e do regulamento interno da instituição.

A instituição propunha formar educadoras cristãs, professoras com espírito missionário, e futuros evangelistas e pastores devotados, capazes de suportarem certo grau de auto-sacrifício, colocando sua tarefa salvadora acima de qualquer dificuldade. A escola seguia métodos educacionais de suas escolas presbiterianas norte-americanas adaptando-os às condições existentes, pois seus dirigentes afirmavam que o bom educador não poderia ter idéias pré-concebidas e fixas, mas cultivar uma mente aberta, para além das teorias, escolhendo o que fosse melhor para o aluno e a sociedade em que vivia.

A educação para ambos os sexos fora uma prática utilizada pelos missionários presbiterianos nas escolas que instituíram, desde a implantação da Escola Americana de São Paulo, em 1870. O fundador George Whitehill Chamberlain, justificava a co-educação por ter Deus instituído a família, dando-lhe filhos e filhas e a escola era o reflexo da constituição divina. Vinte e nove anos depois, William Alfred Waddell, fundador e ex-diretor do Instituto Ponte Nova e diretor da Escola Americana de São Paulo, na época reafirmava aquele procedimento metodológico, informando que até aquele momento, a escola não tivera nenhum incidente desagradável.

Os embates religiosos entre católicos e protestantes foram um dos elementos que facultaram o aparecimento não somente daquela instituição,



mas de todas as escolas as quais os missionários presbiterianos organizaram na área sob sua jurisdição. O Instituto Ponte Nova ofereceu educação não somente aos alunos protestantes, mas a alunos de todos os credos que desejavam nele estudar, reforçando a posição de grupos progressistas da sociedade baiana. Para os missionários, o ensino ali ministrado pautava-se na construção de uma sociedade moderna, democrática, na qual os indivíduos ali formados eram doutrinados à liberdade de consciência, de crítica e de discussão, princípios estes, vinculados ao protestantismo.

Como era ensinado que o indivíduo tinha a responsabilidade do seu destino, o aluno do Instituto Ponte Nova deveria levar uma vida saudável, sem corromper-se nos vícios da bebida, do fumo ou do jogo. Deveria procurar ser honesto, responsável, solidário, cumpridor dos seus deveres e trabalhador, pois dessa maneira, seria bem sucedido na vida. O seu mérito era proporcional ao esforço que fizera para vencer.

As práticas escolares previam a superação do dualismo entre o pensamento e a ação, traduzidas no ensino experimental no qual o aluno aprendia fazendo, realizava experiências para testar teorias, fazia excursões para aprender *in loco* as características do relevo e da vegetação locais. O ensino possuía um caráter prático e utilitário, no qual o aluno aprendia o que era útil para si e para a vida em sociedade.

A auto-suficiência, uma característica da cultura norte-americana, era vista na escola. Na concepção protestante, a maneira de agradar a Deus não estava em se separar do mundo, mas em cumprir as tarefas, os deveres, dentro das profissões seculares. Educação e trabalho caminhavam juntos, pois este era visto como um produto de um longo processo de educação, como uma vocação. O trabalho, parte importante da prática educativa proposta era demonstrado através de atitudes. O ambiente do cotidiano norte-americano era reproduzido em escolas e casas protestantes através da organização do tempo e do espaço, da limpeza, da disciplina. Os alunos viam os missionários e professores trabalhando na casa, arando a terra. As próprias reuniões religiosas eram denominadas de trabalhos. Para os missionários norte-americanos, o aprender e o trabalhar estavam intrinsecamente unidos em sua concepção de vida.

O trabalho manual fazia parte integral da vida escolar, preparando o aluno para a vida prática, formando hábitos de ordem, asseio, desenvol-

vendo a atenção, a perseverança. Exercitava a habilidade de avaliação dos objetos pela forma e tamanho, a destreza das mãos. Eram propostos de acordo com a faixa etária e com o sexo, acompanhando o desenvolvimento intelectual dos alunos. Os rapazes recebiam instrução nessa modalidade de ensino na horta, nos pomares, no pasto, e na oficina de trabalhos em madeira, enquanto que as moças, aprendiam a costurar, bordar, cozinhar, lavar roupa e administrar uma casa.

As moças recebiam um curso denominado de Ciências Domésticas. Consistia no ensino prático de costuras e padaria, no qual a aluna aprendia a fazer pães, utilizando fermento de lúpulo, doces e compotas, além de aprender como organizar e limpar uma casa, a cozinha, lavar as roupas. Nas aulas de costura, ela aprendia a alinhar, fazer ponto por cima, vários tipos de bainha, franzir, abrir casas e pregar botões, a marcar letras, cerzir meias, panos, fazer emendas, blusas, vestidos, anáguas e o vestido de formatura, que seria usado na conclusão do curso primário. Através do trabalho manual e dos desenhos, a criança aprenderia os objetos e suas relações através da observação.

160 As aulas iniciavam às nove horas. Ao som da primeira campainha, as moças desciam do internato para as salas de aula. Os rapazes só saíam depois que todas elas tinham passado. Nos primeiros anos do colégio, todos entravam na sala de aula após o professor. Esse os cumprimentava dando ordem para entrarem e sentarem-se. O silêncio era absoluto. Posteriormente, este hábito foi modificado. Os alunos entravam e aguardavam em pé a chegada do professor, até ele ordenar que todos deveriam sentar-se. Então, era realizada a hora cívica, que constava da leitura da Bíblia, uma oração e um hino cívico.

Diariamente, eram consumidas de seis a sete horas para o estudo. Pela manhã tinham três aulas, que duravam 45 minutos cada e quando tocava a campainha passava-se para outra. Depois da terceira aula, tinha o recreio que durava geralmente, meia hora, e era dirigido. O professor programava atividades – pular corda, brincar de bastão – ocupando o tempo do aluno. Após o recreio, todos voltavam para as salas e ficavam de cabeça abaixada durante alguns minutos, repousando, e realizavam um culto rápido, quando cantavam, ouviam um trecho da Bíblia e oravam. Em seguida, vinham as aulas “mais leves”, de Trabalhos Manuais e Educação Moral e Cívica. Das 14 às 15h e 30 min, os alunos retornavam às aulas. Entre uma aula e outra,



os alunos deveriam “descansar” do trabalho mental, mas executariam “[...] pequenos trabalhos: distribuição de cadernos, limpeza do quadro etc. Estas atividades não foram incluídas no horário porque ocupavam apenas alguns segundos que eram suficientes para descansar.” (ALMEIDA, s. d., p. 14). Até as 18 horas, os alunos continuavam com suas tarefas. A partir das 19 horas, começava a banca, quando o aluno mais adiantado comandava uma mesa. Às 21 horas, a campanha soava e todos se recolhiam para os seus dormitórios.

Aos sábados, à noite, todos se reuniam para brincar, cantar, recitar. Todos também tinham deveres com a igreja presbiteriana local: participavam do coral e dos cultos aos domingos, independente de sua religião. Esta norma do colégio já era informada no ato da matrícula. Na segunda-feira não havia aula, pois o dia era destinado aos serviços domésticos.

William Alfred Waddell compreendia que o homem, além de corpo e mente, tinha uma alma e todo o esforço deveria ser feito para dar ao aluno uma tripla formação que, por meios físicos e intelectuais, desenvolvesse seu caráter. Partindo deste princípio, todos os alunos deveriam estudar e trabalhar, sem, no entanto, sobrecarregar ninguém. Afirmava ainda que a escola não era propriamente industrial, nem ensinava “[...] artes e ofícios, havendo apenas, para moças, cursos completos de costuras e padaria.” A educação deveria estar direcionada para o trabalho, aplicando neste, “[...] métodos adaptados ao meio em que o aluno terá de viver e, assim, habilitá-lo para tomar uma parte efetiva e prática em tudo o que promova o progresso, sem dissociá-lo dos elementos com os quais terá de trabalhar.” (WADDELL, 1911, p. 2).

Considerações finais

Os missionários presbiterianos norte-americanos, procuraram criar um modelo escolar no sertão baiano, organizado em torno dos preceitos religiosos. Suas escolas deveriam tornar-se berços da fé e da razão, com a missão de inculcar a doutrina presbiteriana nos futuros homens e mulheres tementes a Deus e verdadeiros cidadãos, amantes de sua pátria. O pragmatismo foi utilizado como método no modelo educacional proposto para trazer o protestantismo ao *hinterland* brasileiro, norteando as ações dos missionários

norte-americanos. No Instituto Ponte Nova, a educação foi o instrumento, o caminho pelo qual os preceitos religiosos presbiterianos passaram. Foi o meio de se chegar à evangelização, através da inculcação de hábitos, usos e costumes.

O pragmatismo compreende que a realidade é criada, é a soma das experiências; daí a ênfase na interação da pessoa em seu meio ambiente. O mundo só passa a ter sentido à medida que o homem lhe atribui significado. Outro aspecto da doutrina pragmatista é que a verdade acontece a uma idéia e ela torna-se verdadeira à medida que entra em contato com nossa experiência e torna-se útil, funcional. Idéias pragmatistas embasaram a educação oferecida no Instituto Ponte Nova como a relação escola-trabalho, o modo de ensinar e avaliar o aluno, o ensino dirigido para o indivíduo, para a competência, com o objetivo de formar homens e mulheres capazes de criar e fazer coisas e não apenas de repeti-las. Existia também uma disposição para mudanças, pois, para que a educação atingisse seus objetivos necessitava constantemente se aperfeiçoar, buscando novos métodos. (NASCIMENTO, 2005a).

162 No modelo educacional presbiteriano, a educação estava direcionada para a religião. O Instituto Ponte Nova possuía um currículo adaptado a uma educação rural, mas a formação era voltada para os preceitos religiosos e um civismo republicano, sobre a qual se fundamentava a formação do cidadão. Era uma escola graduada que funcionava em regime de internato e externato. Rapazes e moças, categorizados pela faixa etária, estudavam na mesma sala de aula, mantidos sob controle permanente.

Para os missionários, a formação do cidadão exigia uma soma de conhecimentos. Ancorado nos princípios da fé, da ciência e nas exigências da preparação para o trabalho, o projeto civilizador presbiteriano foi operacionalizado a partir da escola. Este articulava as idéias de uma educação integral compreendendo a educação religiosa, moral, intelectual e física e, para isso, seu programa de ensino era visto como o instrumento pelo qual o Instituto Ponte Nova realizaria as finalidades atribuídas a ele. Enquanto a ciência preparava o futuro homem para a vida racional e para o trabalho – no magistério e na agricultura –, os preceitos religiosos o levariam a uma vida exemplar de retidão, humildade e desprendimento do mundo, voltada para os bons costumes e valores que dignificassem sua existência.



A imagem de que o Brasil nos oitocentos não passou de um “[...] deserto pedagógico e social [...]” foi construída pela propaganda republicana que secundarizou o intenso movimento daquele período “[...] durante o qual o comércio entre o Brasil e nações como Inglaterra, França e Alemanha contribuíram para que fossem estabelecidos os padrões culturais em circulação”. Era, portanto, “[...] nesses espelhos que a modernidade brasileira buscava forjar a própria imagem, à medida que um novíssimo espelho começava a se insinuar a partir da metade do século XIX: o norte-americano.” (NASCIMENTO, 1999, p. 56).

Os intelectuais brasileiros que se auto-denominaram de Pioneiros da Educação Nova, durante os anos de 1920, apresentando-se como renovadores da Educação, tinham em seu projeto o objetivo de inserir no país o novo, através de uma política educacional na qual a escola “[...] identificada com os valores da nova sociedade urbano-industrial que se constituía, e permeada de valores estrangeiros, viesse a atuar nacionalmente, direcionada pelo Estado, como instância de ‘renovação’ e ‘democratização’ social.” (CARVALHO, 1998, p. 22-23).

No entanto, a proposta dos Pioneiros da Educação era uma dentre os vários projetos de modernização defendidos por distintos grupos de intelectuais, educadores, médicos, engenheiros. O projeto civilizador presbiteriano norte-americano implementado no sertão baiano, a partir da estação missionária Ponte Nova, era um desses. Implantado em outras localidades do *hinterland* brasileiro, o complexo era uma modalidade do modelo de educação higienista fundamentada no tripé saúde, moral protestante e trabalho. O projeto previa a organização de uma escola-fazenda, oferecendo o curso normal rural, uma igreja e um hospital. Dessa maneira, seria possível educar uma clientela de situação financeira baixa, isolada do litoral pela falta de estradas e de linhas férreas, fixando-a em seu meio e, conseqüentemente, evitando a migração para as cidades. Além do ensino primário e do secundário, a escola ofereceria cursos complementares voltados para o trabalho.

A formação do homem prático presbiteriano estava pautada nos princípios morais e religiosos para formar um caráter cristão, que norteavam a organização dos cursos oferecidos pelo Instituto Ponte Nova, presentes no ensino religioso obrigatório, na educação para o trabalho, no asilamento dos alunos. Apresentando uma cultura bíblica e evangélica, o plano educacional incluía agricultura e trabalho doméstico. Deveria encaminhar os alunos evan-

gêlicos para o pastorado, magistério em colégios cristãos, a medicina e a enfermagem. O homem cristão verdadeiro era sinônimo de bom e honesto. O ensino primário formaria bons fazendeiros e exemplares donas de casa. Já o secundário, constituiria educadoras cristãs, com espírito missionário e patriótico, além de evangelistas e pastores devotados. A educação para o trabalho tinha a função de agradar a Deus. O trabalho era produto de um longo processo de educação como uma vocação, compreendida neste trabalho como uma “[...] auto-destinação a dada condição de vida sancionada pela ordem social e por sua consciência.” (WEBER, 1987, p. 174).

Mesmo sabendo que o documento é o resultado da construção de uma realidade elaborada por homens, estes mesmos homens deixam pistas, rastros, traços, pequenas impressões que escapam do seu controle, possibilitando reconstruir conformações representações culturais que produziram. As configurações produzidas pela cultura escolar do Instituto Ponte Nova, deixadas à margem da historiografia educacional brasileira, revelam disputas e tensões entre grupos que tinham projetos distintos propostos para aquela sociedade. Pode-se inferir que o fato daquela instituição ser presbiteriana num Estado que estivera sob a ação católica durante séculos, provocou reações por aqueles que não viam com bons olhos a presença de outro grupo religioso.

Referências

ALMEIDA, Belamy M. **Memórias do Instituto Ponte Nova**. (Digitado, s. d.).

ARAÚJO, Marta Maria de. A pesquisa na pós-Graduação em educação no Brasil de 1970 a 1990. **Revista da FAGED**, Salvador, n. 10, p. 13-25, 2006.

BASTIAN, Jean-Pierre (Comp.). **Protestantismos y modernidad latinoamericana**. Historia de unas minorías religiosas activas en América Latina. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Francisco Rangel Pestana**: jornalista, político, educador. 1986. 189 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.



INSTITUTO PONTE NOVA. **Cinco objetivos da educação cristã para os colégios presbiterianos na América Latina**. Wagner (Ba): Arquivo do Instituto Ponte Nova, 1927.

_____. **Prospecto do Collegio de Ponte Nova**. Estado da Bahia. Bahia: Estabelecimento dos Dois Mundos, 1934.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Os missionários da educação e o Instituto Ponte Nova. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 5, p. 111-126, jan./jun. 2005.

_____. **Educar, curar, salvar**. O projeto civilizador presbiteriano para o *hinterland* brasileiro. 2005. 246 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A cultura ocultada ou a influência alemã na cultura brasileira durante a segunda metade do século XIX**. Londrina: EDUEL, 1999.

O PURITANO. São Paulo: Arquivo Histórico Presbiteriano, 1907.

REVISTA DAS MISSÕES NACIONAES. São Paulo: Arquivo Histórico Presbiteriano, 1911.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**. A arquitetura como programa. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 5. ed. Tradução Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1987.

WADDELL, William Alfred. Sessão anúncios. **Revista das Missões Nacionais**, São Paulo, 1911. (Arquivo Histórico Presbiteriano).

Profa. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento
Universidade Tiradentes | Sergipe
Coordenadora do Núcleo de Pós-Graduação em Educação
E-mail | ester.fraga@uol.com.br

Recebido 02 mar. 2007

Aceito 09 abr. 2007